

SIMPÓSIO AT001

FUTURIDADE OU MODALIDADE? AS DIFICULDADES DOS ALUNOS POLACOS NA APRENDIZAGEM DE TEMPOS GRAMATICAIS E PERÍFRASES DE VALOR FUTURO DA LÍNGUA PORTUGUESA

DRZAZGOWSKA, Joanna
Universidade de Gdańsk, Polónia
joanna.drzazgowska@ug.edu.pl; juanna@poczta.onet.pl

Resumo: O objetivo do artigo é apontar algumas dificuldades dos estudantes polacos que existem no âmbito do emprego dos tempos gramaticais e das construções perifrásticas de valor futuro da língua portuguesa. Em primeiro lugar, com base nas gramáticas da língua portuguesa, apresentar-se-ão os meios que servem para exprimir o valor futuro (futuro simples, futuro composto, ir (no presente) + infinitivo, haver (no presente) de + infinitivo, presente do indicativo). Simultaneamente, analisar-se-ão os valores modais que parecem estar intimamente ligados às formas de futuro (Paiva Boléo, 1935). A seguir, mostrar-se-á uma curta análise dos recursos que existem na língua polaca e servem para exprimir o valor futuro. Indicar-se-ão algumas convergências, mas, antes de tudo, as divergências entre o sistema de língua portuguesa e língua polaca.

Palavras-chave: tempos futuros; perífrases; modalidade; didática de Português Língua Estrangeira

Abstract: The aim of the paper is to highlight some of the difficulties Polish students encounter when applying tenses and periphrastic constructions expressing the future in the Portuguese language. Basing on the analysis of the grammars of the Portuguese language the means to express future will be presented in the first place. At the same time modal values which seem to be closely connected to the forms expressing the future will be analysed. Next a short analysis of the means of expressing the future in the Polish language will be conducted. Similarities and – more importantly – differences between the system of the Portuguese and Polish languages will be demonstrated.

Keywords: future tenses; periphrases; modality; teaching Portuguese as a Foreign Language

Introdução

Na língua portuguesa, os tempos futuros do modo indicativo, ou seja, o futuro simples (designado também: futuro do presente, futuro imperfeito) e o futuro composto (futuro perfeito), apresentam muitas características peculiares quanto aos valores que podem exprimir. Trata-se nem somente dos valores temporais, mas também dos valores modais. Além disso, na língua portuguesa, existem outros meios que permitem expressar a ideia de futuro: o presente do indicativo e as construções perifrásticas (*ir* (no presente do indicativo) + *infinitivo*, *haver* (no presente do indicativo) *de* + *infinitivo*).

No presente artigo, tentar-se-á discutir as convergências e as divergências no âmbito de diferentes recursos que a língua portuguesa tem ao seu dispor quanto à expressão do futuro. Simultaneamente, apresentar-se-ão os valores modais que parecem estar intimamente ligados ao valor de futuro. Na parte final do trabalho, mostrar-se-ão algumas dificuldades que surgem no âmbito do ensino e da aprendizagem dos tempos e das construções em causa.

1. Tempo e Modo

A categoria linguística de tempo exprime, a ordenação do intervalo de tempo que contém o estado de coisas descrito por uma predicação relativamente ao intervalo em que ocorre a enunciação da mesma” (XAVIER, MATEUS, 1992, p. 365). A ordenação mencionada baseia-se nas relações de simultaneidade (o tempo presente), anterioridade (o passado) e posterioridade (o futuro). O modo (ou a modalidade), por seu turno, é uma categoria gramatical que serve para exprimir a atitude do sujeito falante relativamente à proposição contida no enunciado ou ainda relativamente ao alocutário (XAVIER, MATEUS, 1992, p. 245). Contudo, já em um dos seus primeiros artigos, Manuel de Paiva Boléo (BOLÉO, 1935, p. 4) falou da *osmose* dos tempos e dos modos e constatou que as categorias gramaticais se entrelaçam mutuamente. Neste contexto, o linguista observou o fenómeno de tempos com significado modal e de modos empregados temporalmente (BOLÉO, 1935, p.

5). Depois de ter analisado algumas frases da língua portuguesa, Paiva Boléo apontou que o uso do verbo no tempo futuro servia para exprimir, suposição, conjectura, dúvida, concessão ou aproximação” (BOLÉO, 1935, p. 19). Visto que o futuro serve para exprimir uma situação que ocorrerá em um momento do porvir, segundo a opinião do linguista, é sempre acompanhado da ideia de eventualidade, de incerteza, mas, também, de desejo, de esperança e, até, de convicção por parte do locutor.

2. Valores temporais e modais dos tempos e das perífrases do futuro no português

Nesta secção, pretende-se apresentar os valores temporais e modais dos tempos e das perífrases do futuro. Devido ao espaço limitado que temos ao nosso dispor, não é possível fazermos um estudo exaustivo. Cingimo-nos à análise de quatro gramáticas de língua portuguesa publicadas em Portugal.

2.1. Futuro Simples

O Futuro Simples indica factos posteriores ao momento da enunciação (CUNHA, CINTRA, 1998, p. 457; VILELA, 1999, p. 167;). No entanto, alguns tratadistas do assunto constataam que tal função é rara (MATEUS *et al.*, 2006, p. 158), assim como é relativamente raro o emprego do futuro na língua falada (CUNHA, CINTRA, 1998, p. 458). Portanto, na gramática de Mateus *et al.* (MATEUS *et al.*, 2006, p. 158), vemos que o futuro simples é mais próximo de um modo de que de um tempo (MATEUS *et al.*, 2006, p. 158). Neste contexto, os autores das gramáticas da língua portuguesa indicam, em primeiro lugar, um valor de modalidade epistémica, ou seja, o valor de incerteza (CUNHA, CINTRA, 1998, p. 457; VILELA, 1999, p. 167; BUZAGLO PAIVA RAPOSO *et al.*, 2013, p. 526). Às vezes, especifica-se o valor mencionado falando da probabilidade e dúvida (CUNHA, CINTRA, 1998, p. 457) e, também, da suposição (CUNHA, CINTRA, 1998, p. 457; VILELA, 1999, p. 167). Simultaneamente, repara-se que a incerteza e a probabilidade referem-se tanto aos factos atuais como aos futuros (CUNHA, CINTRA, 1998, p. 457). Quanto

ao valor da modalidade deôntica, que também pode ser expressa pelo futuro, indicam-se a súplica, desejo e ordem (CUNHA, CINTRA, 1998, p. 458). Vilela (VILELA, 1999, p. 167) aponta que a ordem é de natureza moral intemporal. No mesmo contexto, na gramática de Buzaglo *et al.* (BUZAGLO PAIVA RAPOSO *et al.*, 2013, p. 526), fala-se da expressão de regras, leis ou recomendações. Portanto, estamos perante um valor que se pode aproximar da força ilocutória do imperativo (BUZAGLO PAIVA RAPOSO *et al.*, 2013, p. 526), cujo caráter pode ser atenuado ou reforçado pelo tom de voz (CUNHA, CINTRA, 1998, p. 458).

2.2. Futuro Composto

O Futuro Composto indica uma ação futura que estará consumada antes de outra (CUNHA, CINTRA, 1998, p. 460). Fátima Oliveira (BUZAGLO PAIVA RAPOSO *et al.*, 2013, p. 531), por seu turno, fala de „uma situação concluída posterior à enunciação mas anterior relativamente ao tempo de referência”. Em Mateus *et al.* (MATEUS *et al.*, 2006, p. 164), além da informação que o Futuro Composto marca uma anterioridade em relação ao tempo futuro, aponta-se o valor adicional de perfectividade. Portanto, Vilela (VILELA, 1999, p. 167-168) constata que o Futuro Composto não se usa atualmente para expressar as relações temporais e que „exprime antes o futuro como acontecimento acabado”. O linguista acrescenta que „deverão ocorrer outros meios linguísticos para indicar o tempo, de contrário, prevalece o valor modal” (VILELA, 1999, p. 168). Quanto aos valores modais, o Futuro Composto, assim como o Futuro Simples, exprime a incerteza (probabilidade, dúvida, suposição), mas, neste caso, trata-se de factos passados (CUNHA, CINTRA, 1998, p. 460). Vilela (VILELA, 1999, p. 162), por sua vez, indica mesmo a dominação do sema *suposto* no Futuro Composto e, portanto, não analisa a suposição dentro da incerteza. O linguista distingue a suposição acerca do passado do ponto de vista do presente da incerteza acerca do passado (VILELA, 1999, p. 168).

2.3. Outros meios de expressão do futuro no português

Fátima Oliveira, além de constatar que o tempo futuro „localiza as situações num tempo posterior ao da enunciação”, reconhece que „existem alternativas de uso, sobretudo na oralidade, para exprimir um tempo semântico do Futuro (BUZAGLO PAIVA RAPOSO *et al.*, 2013, p. 525). Passemos agora à análise dos meios mencionados.

2.3.1. Presente do indicativo

Segundo Celso Cunha e Lindley Cintra (CUNHA, CINTRA, 1998, p. 448), o presente do indicativo serve para marcar um facto futuro, mas próximo. No entanto, na gramática de Mateus *et al.* (MATEUS *et al.*, 2006, p. 158), somente se indica a posterioridade em relação ao tempo da enunciação. Os linguistas sublinham que, para impedir a ambiguidade, as formas verbais são acompanhadas dos adverbiais indicadores do futuro (CUNHA, CINTRA, 1998, p. 448; MATEUS *et al.*, 2006, p. 154; BUZAGLO PAIVA RAPOSO *et al.*, 2013, p. 525). No entanto, num contexto discursivo suficientemente informativo, as expressões adverbiais não são necessárias (BUZAGLO PAIVA RAPOSO *et al.*, 2013, p. 525).

2.3.2. *Ir* (no presente do indicativo) + *infinitivo*

A construção *ir* + *infinitivo* serve para exprimir uma ação futura imediata (CUNHA, CINTRA, 1998, p. 459). Na mesma gramática, lemos que exprime firme propósito de executar a ação, ou a certeza de que ela será realizada em futuro próximo (CUNHA, CINTRA, 1998, p. 395). Devido ao facto de que a própria perífrase traz a ideia de futuridade, não são necessários nem adverbiais nem um contexto vasto (BUZAGLO PAIVA RAPOSO *et al.*, 2013, p. 526).

2.3.3. *Haver* (no presente do indicativo) *de* + *infinitivo*

A construção *haver de* + *infinitivo* exprime a intenção de realizar um ato futuro (CUNHA, CINTRA, 1998, p. 458-459) ou o firme propósito de realizar o facto (CUNHA, CINTRA, 1998, p. 393). Na gramática de Buzaglo Paiva Raposo *et al.* indica-se que a perífrase „está associada a um tempo futuro indeterminado e tem uma forte componente modal, em que se expressa um

desejo, uma intenção ou um compromisso” (BUZAGLO PAIVA RAPOSO *et al.*, 2013, p. 526).

3. Algumas dificuldades dos alunos polacos na aprendizagem de tempos e construções de futuro portugues

Quanto à aprendizagem dos tempos e das construções do futuro portugues, no caso dos alunos polacos, as dificuldades resultam, por um lado, das divergências no sistema de tempos na língua polaca e na língua portuguesa e, por outro lado, da própria complexidade dos meios que no português servem para exprimir o futuro.

3.1. Divergências nos sistemas de tempos futuros

No polaco, no que se refere ao valor que exprime, existe somente um tempo futuro. No entanto, tem duas formas possíveis: forma simples (no caso dos verbos perfectivos¹) e forma composta (no caso dos verbos imperfectivos). Além das diferenças formais, existem importantes divergências quanto aos valores expressos pelos tempos em ambas as línguas. O tempo futuro polaco, ao contrário dos tempos portugues, não exprime o valor da modalidade epistémica. O valor de dúvida de (1a), no polaco, pode ser obtido graças ao uso da partícula *czyżby* que introduz uma pergunta retórica pondo em dúvida o que foi dito. O emprego do verbo, neste caso *być* (ser), no tempo passado é facultativo.

1a. Será ele?

1b. Czyżby to (był) on?

No entanto, na língua polaca, é possível, utilizando o futuro do modo indicativo, obter o valor que se aproxima do valor do modo imperativo:

2a. (?) Irás à loja!

2b. Pójdziesz do sklepu!

¹ Na língua polaca, quase todos os verbos, em todas as suas formas temporais e modais, podem ser perfectivos ou imperfectivos.

Mesmo que o valor da ordem seja mencionado pelos linguistas, o uso de (2a) parece pouco natural na língua falada. Podemos supor que tal emprego depende do contexto enunciativo. No polaco, ao contrário, o valor da ordem expresso pelo tempo futuro (2b) é mais forte do que o uso do modo imperativo.

No que se refere à expressão de uma ação futura anterior a uma outra também futura, no polaco, é possível empregar, no tempo futuro, a construção *mieć* (ter) + *participio passado* que concorda em número e gênero com o complemento direto. A construção polaca de (3b) *będziesz miała przeczytane wszystkie książki* pode ser traduzida para o português como *terás todos os livros lidos*. No entanto, embora a construção seja gramatical, o seu uso parece um pouco antiquado. Portanto, a tradução aceitável de (3a) é apresentada em (3c), onde *terás lido* é traduzido como *przeczytasz* (forma do tempo futuro do verbo *przeczytać*). Em vez da conjunção *kiedy* (quando), ocorre a conjunção *zanim* (antes de/que) que de forma muito clara comunica que o acontecimento da oração principal deve ocorrer antes do acontecimento da oração subordinada. Vale a pena mencionarmos aqui que tanto em (3b) como em (3c) foi utilizado o verbo perfectivo *przeczytać* que sublinha o facto de a ação estar acabada antes de uma outra. O emprego do verbo imperfectivo *czytać*, neste contexto, é inaceitável. Em ambas as línguas, observamos também a presença (facultativa) do advérbio *już* (*już*) que acentua a anterioridade de uma ação em relação à outra.

3a. *Quando eu chegar, tu (já) terás lido todos os livros.*

3b. *Kiedy ja przyjadę, ty (już) będziesz miała przeczytane wszystkie książki.*

3c. *Ty (już) przeczytasz wszystkie książki zanim ja przyjadę.*

3.2. Construções perifrásticas portuguesas

Entre duas construções temporais *ir + infinitivo* e *haver de + infinitivo*, existem algumas diferenças no seu emprego. A perífrase com o auxiliar *ir* parece ser mais temporal² do que a com *haver*, ou seja, parece mostrar menos

² Para uma análise detalhada dos valores de *ir + infinitivo*, veja-se Drzazgowska (2018).

caraterísticas modais. Contudo, na língua polaca, não existem os equivalentes formais das perífrases em causa. Visto que o uso do Futuro Simples português é antes de tudo modal, a construção *ir + infinitivo* pode ser considerada o equivalente do tempo futuro polaco. No que diz respeito a *haver de + infinitivo*, para se aproximar do valor da perífrase portuguesa, é preciso empregar outros meios. Em (4b), foi aproveitada a construção *musieć* (ter de/que, dever) + *infinitivo* que, em polaco, permite exprimir o valor de forte intenção. Em (4c), por seu turno, foram utilizados meios lexicais: o verbo perfectivo *pojechać* é acompanhado da construção adverbial *na pewno* (com certeza), o que sublinha a convicção por parte do locutor de realizar a ação.

4a. *Hei de ir ao Japão (um dia).*

4b. *Muszę pojechać do Japonii (pewnego dnia).*

4c. *Na pewno pojedę do Japonii (pewnego dnia).*

3.3. Presente do indicativo

Em polaco, assim como em português, usa-se o tempo presente para se referir a ações futuras. Na tradução da frase (5a), foi empregado o verbo imperfectivo *dzwonić* (telefonar) (5b). Quando compararmos (5b), ou seja, a tradução literal de (5a), com o exemplo (5c), onde foi usado o tempo futuro do verbo perfectivo *zadzwonić*, observamos que o uso do verbo no presente (5b) introduz um valor modal – trata-se de uma forte intenção de fazer uma coisa, o locutor comunica que já tomou decisão relativamente a um acontecimento posterior.

5a. *Telefona-te amanhã.*

5b. *Dzwonię do ciebie jutro.*

5c. *Zadzwonię do ciebie jutro.*

Na língua polaca, assim como na língua portuguesa (BUZAGLO PAIVA RAPOSO *et al.*, 2013, p. 154-155), o uso de alguns predicados, especialmente

os estados não faseáveis, no tempo presente para exprimir o valor de futuro parece raro, ou, até, agramatical, como mostrado abaixo:

6a. *Na próxima semana, ele é baixo.

6b. *W przyszłym tygodniu on jest niski.

Conclusões

As dificuldades dos alunos polacos na aquisição do sistema de expressão do futuro na língua portuguesa residem, como tentámos mostrar acima, nas diferenças nos sistemas em ambas as línguas. As divergências básicas referem-se a:

- uso raro do futuro simples português para exprimir o valor temporal
- falta do conceito de posterioridade na futuridade no sistema temporal polaco
- tempo futuro polaco que, ao contrário do português, no que se refere aos valores modais, exprime a modalidade deôntica
- falta dos equivalentes polacos das *perífrases ir + infinitivo e haver de + infinitivo*

Na presente artigo, não foi possível analisarmos de modo exaustivo todos os meios de expressão do futuro das línguas portuguesa e polaca. Tanto os tempos gramaticais como as construções perifrásticas merecem uma análise mais pormenorizada. No futuro, pretendemos voltar ao assunto em causa e analisar os manuais e gramáticas de português língua estrangeira para verificarmos se apresentam uma informação completa, quanto à expressão do futuro (e da modalidade) no português, mas também útil para os estudantes de português língua não materna.

Referências

BOLÉO, Manuel de Paiva. Tempos e modos em português. Contribuição para o estudo da sintaxe e da estilística do verbo. In: **Boletim de Filologia**, Separata do T. III, Fasc. 1-2, p. 3-24, 1935.

BUZAGLO PAIVA RAPOSO, Eduardo; NASCIMENTO, Maria Fernanda Bacelar do; MOTA, Maria Antónia Coelho da; SEGURA, Luísa; MENDES Amália (Orgs.). **Gramática do português**, vol. 1, Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1998.

DRZAZGOWSKA, Joanna. Dificuldades dos alunos polacos na aprendizagem de construções perifrásticas portuguesas com os auxiliares ir e vir. In: CARRILHO, A. R.; FIDALGO ENRIQUEZ, F.; VÁZQUEZ DIÉGUEZ, I.; OSÓRIO, P.; FLORES PÉREZ, T. (Orgs.). **Ao Encontro das Línguas Ibéricas**. Covilhã: LusoSofia Press, 2018, p. 185-210.

MATEUS, Maria Helena Mira; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel Hub. **Gramática da Língua Portuguesa**. 7.^a edição. Lisboa: Caminho, 2006.

VILELA, Mário. **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Livraria Almedina, 1999.

XAVIER, Maria Francisca; MATEUS, Maria Helena (Orgs.). **Dicionário de termos linguísticos**, vol. II. Lisboa: Edições Cosmos, 1992.